



## O FEMINISMO NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Melissa Rhênia Barbosa Espínola

*Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA*

melissa.espinola@hotmail.com

Thaís Gomes Ferreira Nunes

Universidade Federal de Campina Grande – CDSA- UFCG

thaisnunesfjv@hotmail.com

**RESUMO:** O presente estudo se propôs a avaliar os fenômenos que cercam e contribuem para violência de gênero, como esta se desenvolveu através da história e de que maneiras se manifesta na sociedade. Durante o texto, são estabelecidos conceitos de “violência” e “gênero” para que haja uma maior compreensão do leitor quanto a profundidade das terminologias apresentadas. Ademais, faz-se uma exploração acerca da inclusão do poder dentro do conceito de violência e sua importância para a análise das relações de gênero, e as contribuições feministas para o combate desta violência. Posto isto, chegamos aos seguintes questionamentos: O que é e como se manifesta a violência de gênero? Como ela pode ser combatida?, tais questionamentos serão respondidos ao longo do texto, tendo como objetivo geral que é analisar as interfaces da violência de gênero por meio das discussões trazidas pelo movimento feminista, através de uma pesquisa descritiva quanto aos objetivos e, bibliográfica quanto aos procedimentos.

Palavras-chave: Violência, gênero, feminismo.

### INTRODUÇÃO

Em virtude da sua gravidade e recorrência na sociedade, o tema da violência tem sido discutido amplamente nos mais diversos planos sociais, com o objetivo de diminuir seu impacto no meio social. É indubitável que qualquer pessoa pode ser vítima das mais variadas formas de violência, tanto nos espaços públicos como dentro dos próprios lares.

No entanto, grupos vulneráveis, como as mulheres, são mais propensos a sofrer violência, devido a uma série de fatores sócio históricos. No caso da violência contra a mulher, é que o problema que leva tantas mulheres a sofrerem os mais diversos tipos de violência todos os anos é menos relacionado a forma como se relacionam, dizendo mais respeito à condição de subjugação imposta pela sociedade machista que as oprime desde sempre.



Diante disto, resta caracterizada a importância da presente pesquisa, quando a violência, que decorre das complexas relações de classe, gênero e étnico-raciais, é estrutural, constitui sistemas de dominação e exploração, e se utiliza de mecanismos de controle para conservar as relações de poder.

A inclusão do poder dentro do conceito de violência é de suma importância para a análise das relações de gênero, uma vez que para manter essa relação desigual de poder é necessário que os dominantes se utilizem de mecanismos que mascarem essa desigualdade e, para isso, a violência de gênero é um importante instrumento de controle, pois o dominado é humilhado e maltratado de uma forma que não vê alternativa a não ser continuar sofrendo constantes agressões, ou seja, nesta relação existe o poder de uns sobre os outros, aqui no caso, o poder do homem sobre a mulher.

Posto isto, chegamos aos seguintes questionamentos: O que é e como se manifesta a violência de gênero? Como ela pode ser combatida? Essas são perguntas cujas respostas são complexas e sua análise deve levar em conta uma série de fatores culturais, sociais e históricos, alguns dos quais são apresentados ao longo desta pesquisa, tendo como objetivo geral analisar as interfaces da violência de gênero através das discussões trazidas pelo movimento

feminista, e como objetivos específicos: compreender o conceito de violência de gênero e suas manifestações na sociedade; discutir o instituto da violência contra a mulher como uma violência nas relações de gênero; e fazer um estudo sobre as contribuições do movimento feminista no combate a violência de gênero.

No que tange à realização deste estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva quanto aos objetivos e, bibliográfica quanto aos procedimentos. O método utilizado foi o dedutivo, e a partir dos métodos auxiliares, a pesquisa foi histórica e comparativa. O procedimento de coleta e análise dos dados foi realizado através da captação de material encontrado em livros, artigos científicos provenientes da internet e impressos periódicos.

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

### **1. O que é e como se manifesta a violência de gênero?**

#### **1.1 Conceito de Gênero**

Gênero é definido como a construção social, histórica e cultural das diferenças embasadas no sexo. Sendo, portanto, um conceito relacional, uma vez que a masculinidade e a feminilidade são definidas por oposição mútua, caracterizando uma relação de poder. Nessa perspectiva, aduz a



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

renomada socióloga Heleieth Saffioti que “o conceito de gênero se situa na esfera social, diferente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico” (SAFFIOTI, 1995, p. 183).

Dessa forma, a constituição genética é a única coisa que diferencia realmente homens e mulheres. As demais diferenças não são naturais e não se sujeitam à diferença sexual para existir, pois são construções sociais, dissemelhanças inventadas para caracterizar duas categorias fundamentais para nossa vida em sociedade: masculino e feminino. Segundo Wânia Izumino “aquilo que caracteriza o masculino e o diferencia do feminino não depende das características biológicas que diferenciam homem e mulher. Isso significa que o que é considerado masculino e feminino depende de cada contexto, de cada cultura e pode variar de uma sociedade para outra” (cf. IZUMINO, 1998).

Por conseguinte, o gênero representa a identidade com a qual uma pessoa se identifica ou se autodetermina; independe do sexo e está mais relacionado ao papel que o indivíduo tem na sociedade e como ele se reconhece. Deste modo, essa identidade seria um fenômeno social, e não biológico.

Ademais, a definição de gênero desmitifica o pensamento de que “as coisas são como são e não se pode mudá-las”. Ou seja, o conceito de gênero nos permite

perceber o modo como a sociedade opera a construção do masculino e do feminino tomando por base diferenças sexuais. Assim, o conceito de gênero desnaturaliza essas diferenças e ver como elas são construídas e reconstruídas socialmente, isto é, por meio da prática social.

Além de que, a categoria de gênero nos ajuda a entender como são utilizadas, cotidianamente, as representações do masculino e do feminino. Serve, ainda para compreender e explicar de que maneira as pessoas articulam essas imagens, segundo seu interesse, com a situação e com a relação em que se encontram. Diante disto, Wânia Izumino(1998, p. 84) assevera que

“com a introdução da categoria de gênero no âmbito das Ciências Sociais, as diferenças sexuais, a definição sobre o que é uma mulher ou o que é um homem e quais são os seus papéis na sociedade, encontram-se fora de seu corpo físico ou características anatômicas, situando-se na esfera do simbólico, na produção cultural de cada sociedade. Neste sentido, ao apresentar as relações entre os sexos como socialmente definidas, a categoria gênero permite estabelecer uma interdependência entre homens e mulheres. Em outras palavras, um não existe sem o outro, a definição de um está intrinsecamente relacionada à definição do outro, sem que esta redunde em relações hierárquicas ou de dominação.”

Destarte, quando se compreende as representações de gênero é possível apreender as atitudes, comportamentos de cada ser humano, onde desenvolve o seu *habitus* fundamentado na sua inserção em



determinada conjuntura histórica, determinando na sua maneira de agir, pensar e se relacionar com os outros.

Logo, a definição de gênero, entendida como construção social do masculino e do feminino e como categoria de interpretação das relações entre homens e mulheres, passa a ser empregado para se conceber as multiplicidades das relações sociais. A utilização da categoria gênero insere, pois, nos estudos sobre violência contra as mulheres uma nova terminologia para se discutir tal fenômeno social, qual seja, a expressão “violência de gênero”.

## 1.2 Conceituação e História da violência de Gênero

A violência tem sido uma constante na natureza humana, não se sabendo ao certo quando ela surgiu, sabe-se apenas que as desigualdades são responsáveis por essa forma de comportamento humano e sua manutenção gerou conflitos que conduziram ao aprimoramento das técnicas de eliminação e subordinação do outro. Tem-se conhecimento também de que a violência se revela por meio de diversos aspectos e formas, variando conforme os costumes, valores e as leis de uma determinada conjuntura histórica, e com a violência de gênero não foi diferente.

Dessa forma, entende-se como violência de gênero qualquer ação ou omissão baseada no gênero. Sendo assim, a violência de gênero reúne diferentes formas de violência praticadas no âmbito das relações de gênero, sendo não só a violência praticada por homens contra mulheres, como também a violência entre mulheres e a violência entre homens. É importante salientar que, embora a violência de gênero se manifeste nas relações pessoais em geral, principalmente a de casais, a história nos mostra que as mulheres sofrem de forma mais direta e contundente as consequências dos conflitos nessas relações. Em outras palavras,

“a violência de gênero não se trata somente de violência contra a mulher, apesar de compreendê-la enquanto categoria, mas trata-se de uma modalidade muito mais ampla, por abarcar também violência dirigida de homens para homens, de mulheres para mulheres, ou ainda, de mulheres para homens ou crianças e violência contra homossexuais, desde que a motivação esteja baseada na ideologia de dominação masculina. (SAFFIOTI, 2004)”

Assim, para se analisar a violência de gênero é necessário que se observe o conceito e o papel do feminino durante a história e a formação da sociedade como a conhecemos hoje, além das lutas e reivindicações das mulheres para romper com o estigma que lhes foi associado.

Durante muito tempo, a caracterização da “mulher” foi guiada através da visão biológica e social, que funciona como fator



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

determinante para as desigualdades de gênero, trazendo em seu escopo uma relação desequilibrada baseada num discurso que valora um sexo em detrimento do outro.

Na Grécia Antiga institucionalizou-se a violência social em virtude do sistema de diferenciação entre os seus cidadãos, pois os indivíduos eram divididos em classes de acordo com a sua origem. Os verdadeiros cidadãos deveriam se dedicar ao aperfeiçoamento do corpo, de suas forças e defender a cidade no caso da eclosão de uma guerra, enquanto a todos os outros indivíduos era negado o direito de participação na vida política, cabendo a estes somente a manutenção da organização vigente através da produção e abastecimento da sociedade.

Nesse cenário, as mulheres estavam a margem da sociedade e não eram consideradas cidadãs, conseqüentemente, não tinham direitos jurídicos, não recebiam educação formal, eram proibidas de aparecer em público sozinhas, sendo confinadas em suas próprias casas em um aposento particular. Em Roma, as mulheres também eram excluídas da vida política e jurídica, sendo colocadas na mesma categoria que crianças e escravos.

Na cultura judaico-cristã a mulher foi tida com causadora de todo mal ao provar do fruto proibido, deveria, pois, ser obediente, submissa e passiva para poder alcançar a

salvação. De forma que tal doutrina foi firmada pela “natureza” das mulheres e baseada na consciência de culpa, fazendo com que as mulheres fossem sempre dependentes e subservientes aos homens.

Na Idade Média, as mulheres se tornaram objetos e sua principal obrigação era a de obedecer ao seu marido. Ademais, nesse período, muitas mulheres foram vítimas da inquisição e acusadas de bruxaria por transgredirem o padrão religioso da época.

Por muito tempo para medicina havia a ideia de que só havia um sexo – o masculino, sendo a mulher, portanto, uma categoria vazia. Somente quando se configurou na vida política, econômica e cultural dos homens a necessidade de diferenças anatômicas e fisiológicas constatáveis é que o modelo de sexo único foi repensado. Nesse sentido, assevera Lígia Pereira dos Santos (2008) que “o controle nas relações de gênero, não se opera apenas na ideologia, pois, parte do pressuposto de que tudo começa no corpo e com o corpo, nos instrumentos de sujeição que estão difusos nos discursos e se exercem cotidianamente”.

Além de terem seus direitos ao corpo desconsiderados, as mulheres na Idade Moderna sofreram uma grande decepção. Uma vez que lutaram ao lado dos homens na Revolução, mas foram excluídas e tiveram seus direitos negados quando foi feita a



Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão (1789). No entanto, Olympe de Gouges, não satisfeita com tal situação, escreveu a Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã, e como resultado foi morta na guilhotina.

Com a consolidação do capitalismo no século XIX ocorreram profundas mudanças na sociedade, ao passo que seu modo de produção levou inúmeras mulheres a trabalhar nas fábricas, rompendo o espaço privado para invadir a esfera pública. É nessa época que as mulheres contestam de forma mais incisiva a dogmática de inferioridade a elas imposta, e se reúnem em prol do movimento feminista.

O movimento feminista foi uma conquista essencial na transformação das relações de gênero ao colocar mulheres como agentes políticos imprescindíveis e atuantes no processo de transformação social. O feminismo rompeu com a heteronomia do que se considerava “condição feminina”, trazendo para as mulheres a possibilidade de romper com a situação de vítimas ou protegidas e com a fixação de uma identidade imposta por essa condição. Dessa maneira, aduz Chantal Mouffe (1996) que

“para as feministas empenhadas numa política democrática radical, a desconstrução das identidades essenciais deve ser vista como condição necessária para uma compreensão adequada da diversidade de relações sociais a que os princípios da liberdade e da igualdade devem aplicar-se. Só quando afastarmos a concepção do sujeito como um agente

simultaneamente racional e transparente para si próprio e também a suposta unidade e homogeneidade do conjunto das suas posições estaremos em posição de teorizarmos a multiplicidade de relações de subordinação” (1996, p. 104).

Dessa maneira, as feministas, ao questionarem a diferença entre os sexos e relações de poder, abordaram o conceito de gênero e fizeram uma análise crítica ao binômio dominação-exploração construído ao longo dos tempos.

Visto isto, fica claro que a violência de gênero traz em seu bojo relações intrínsecas com as categorias de gênero, classe, etnia e os seus campos de articulação de poder. Tais relações são controladas por uma sociedade patriarcal e machista, que atribui aos homens o direito a dominar e controlar suas mulheres, podendo em certos casos, atingir os limites da violência. Ou seja, as desigualdades perpetradas são fruto de uma cultura machista e patriarcal que impõe pelas leis e costumes uma falsa ideia de superioridade dos homens e subjugação das mulheres.

## 2. Feminismo: luta por direitos e combate à violência

O feminismo é uma doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. A luta feminista tem como objetivo transformar a sociedade, de forma



que esta seja mais justa, a partir do ponto de vista político, jurídico e econômico, sem perder de vista as especificidades de gênero.

O movimento feminista propõe um debate sistemático com outros movimentos políticos e correntes teóricas, de forma que dá uma nova interpretação as desigualdades gênero e dos interesses das mulheres nas estratégias políticas, nas análises, e de modo amplo, nos referenciais e ideais normativos que norteiam os combates por justiça social.

No processo de suas próprias lutas, o feminismo foi capaz de transformar suas pautas e também sua reflexão sobre o mundo social, onde se percebeu que em vez da incorporação das mulheres à ordem existente, tornava-se imprescindível a transformação profunda dessa ordem. Nesse sentido, o feminismo pressionou os limites da ordem então estabelecida e modificou as formas de pensar o mundo que a legitimava.

Assim, a crítica feminista ganha força e radicalidade quando passa a problematizar o fato de que as relações de gênero impactam as experiências, mas que o exercício do poder, bem como as formas de dominação e exploração se dá também internamente no grupo das “mulheres”. Defendendo que, uma democracia igualitária depende também do combate às diversas formas de violência de gênero. Assim aduz SAFFIOTI que

“[...] a desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. A diferença nas relações entre homens e mulheres é que essa desigualdade de gênero não é colocada previamente nas pode ser construída e o é com frequência. (1995, p.2)”

Dessa forma, as lutas feministas produziram avanços na legislação relativa à violência doméstica e ao estupro em várias partes do mundo, entretanto continua alto a quantidade de estupros e homicídios de mulheres por homens com quem elas tiveram relações afetivas. Assim, o risco de violência de gênero se manifesta em variados graus, e depende da região, de tal forma que a ameaça difusa que a violência representa para as mulheres pode ser pensada como uma das variáveis que as definem como um grupo social distinto dos homens.

No Brasil, a atuação do movimento feminista teve como uma de suas maiores conquistas a aprovação da Lei nº 11.340/06, que tipifica a violência doméstica contra a mulher e traz mecanismos para combatê-la, e mais recentemente a promulgação da Lei nº 13.104 /15, a Lei do Feminicídio, que qualificou o homicídio por motivo de gênero e veio punir de forma mais gravosa as condutas violentas não abrangidas pela Lei Maria da Penha.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gênero é uma construção social das diferenças entre os sexos, sendo mais do que um conceito puramente biológico. O gênero está relacionado ao mundo como o ser humano vive na sociedade, suas dúvidas, amores e anseios, seu desenvolvimento político, sua atuação como agente econômico e social, sua forma de se relacionar com o outro e com o mundo.

A violência existe desde os tempos mais remotos, não se sabendo precisar o momento exato em que ocorreu, e geralmente está atrelada ao uso da força e ao descontrole que causam consequências irreparáveis.

A violência é uma das formas de manifestação da violência, se caracterizando pela dominação de uma pessoa pela outra, em que uma exerce uma coação de modo que subjugué, humilhe e prejudique a outra. Certo é que a violência de gênero também ocorre de várias maneiras, podendo ser física, psíquica, sexual e tantas outras que têm como base a violência simbólica.

Isto posto, percebeu-se que a forma mais comum de exteriorização da violência de gênero é a violência doméstica que é aquela praticada por algum membro da família, em que há algum laço de consanguinidade ou afinidade. E que essa prática tornou-se comum pelo fato de que a sociedade ainda guardar resquícios profundos do patriarcalismo e machismo, que consideravam

a mulher como bem do homem, podendo ele fazer dela o que bem entender.

Em contrapartida ao pensamento machista e a violência de gênero encoberta pelos valores mais conservadores, surgiu o movimento feminista com o intuito de romper padrões e revolucionar a forma de pensar a sociedade, colocando homens e mulheres como iguais, seres portadores de direitos e agentes capazes de transformar o meio. Sendo a igualdade, pregada pelo feminismo, material, isto é, tratar os iguais na sua igualdade e os desiguais na sua desigualdade, tendo em vista que por tudo que as mulheres sofreram o sofrem sua luta por direitos não pode ser tida como vitimismo, ou até mesmo, privilégio.

Por fim, a presente pesquisa contribuiu para esclarecer as manifestações da violência de gênero através da história e o modo como o movimento feminista atuou para que esta violência fosse combatida, tendo como principais conquistas a aprovação de Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHABAUD-RYCHTER, Danielle. DESCOUTURES, Virginie. DEVREUX, Anne-Marie. VARIKAS, Eleni. O Gênero nas Ciências Sociais: Releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. Tradução: Lineimar Pereira Martins. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

COMPROMISSO E ATITUDE. Dados e estatísticas sobre violência contra as mulheres. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-e-estatisticas-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>>. Acesso em 23 de abril de 2016.

CUNHA, Caroline. Gênero e identidade: Muito além da questão homem-mulher. UOL Vestibular. Disponível em: <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/genero-e-identidade-muito-alem-da-questao-homem-mulher.htm>>. Acesso em: 22 de março de 2016.

IZUMINO, Wânia Pasinato. Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.

LAVINAS, L. Gênero, cidadania e adolescência. In: Madeira FR. Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosas. 1997. p. 11-44.

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. Feminismo e Política: uma introdução. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, p.07-18, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a02.pdf>>. Acesso em: 20 março de 2016.

MOUFFE, C. O Regresso do Político. Lisboa: Gradiva, 1996.

PORTAL BRASIL. Violência contra mulher não é só física; conheça outros 10 tipos de abuso. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/violencia-contra-mulher-nao->

e-so-fisica-conheca-10-outros-tipos-de-abuso>. Acesso em 25 de abril de 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. Conceito de Cidadania. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/direito/artigos/24924/conceito-de-violencia>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely de Souza. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro, Revinter, 1995.

\_\_\_\_\_. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTINON, Evelyn Priscila. SILVA, Lucia Cristina Florentino Pereira da. MAGANHA E MELO, Celia Regina. PARENTI, Patrícia Woltrich. MATOS, Natalúcia Matos. TRINTINÁLIA, Maryam Michelle Jarrouge. GUALDA, Dulce Maria Rosa. Direitos humanos: classificação dos tipos de violência contra a mulher e diplomas legais de amparo e prevenção. Âmbito Jurídico. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=12273](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12273)>. Acesso em 26 de abril de 2016.

SANTOS, Ligia Pereira dos. Mulher e Violência: Histórias do Corpo Negado. Campina Grande: EDUEP, 2004.

WASELFISSZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2012. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf)>. Acesso em 10 de Março de 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. 1759-1797. Reivindicação dos direitos da mulher. Tradução: Ivania Pocinho Motta. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.



**XII CONAGES**  
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## FEMINISM IN THE FIGHT AGAINST GENDER VIOLENCE

Melissa Rhênia Barbosa Espínola

*Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA*

melissa.espinola@hotmail.com

Thaís Gomes Ferreira Nunes

*Universidade Federal de Campina Grande – CDSA- UFCG*

thaisnunesfjv@hotmail.com

**Abstract:** The current study aimed to evaluate the phenomena that surround and contribute to gender violence, how it developed throughout history and in what ways it manifests itself in society. During the text, concepts of "violence" and gender are established in order to have a greater understanding about the depth of the presented terminologies. Furthermore, an exploration on the inclusion of power is made within the concept of violence and its importance to the analysis of gender relations, and the feminists contributions to combating this violence. Having said that, the following questionings come: What is and how does gender violence manifests itself? How can it be countered?, such questionings will be answered through the text, with the overall goal to analyze the interfaces of gender violence via discussions brought by the feminist movement, over a descriptive research on the objectives, and bibliographic on the procedures. During the text, concepts of "violence" and gender are established in order to have a greater understanding about the depth of the presented terminologies. Furthermore, an exploration on the inclusion of power is made within the concept of violence and its importance to the analysis of gender relations, and the feminists contributions to combating this violence. Having said that, the following questionings come: What is and how does gender violence manifests itself? How can it be countered?, such questionings will be answered through the text, with the overall goal to analyze the interfaces of gender violence via discussions brought by the feminist movement, over a descriptive research on the objectives, and bibliographic on the procedures.

Keywords: Violence, gender, feminism, questionings.